

18 NOV 1984

Como explicar?

Sendo a atual Mesa do Senado a última — e única — cidadela do malufismo no Colégio Eleitoral (há 3 a 3 e mais o voto do desempate do presidente Moacyr Dalla), esse fato, por si só, está pondo a Nação alerta.

O deputado gaúcho José Fogaca, que ontem pôs a boca no trombone, disse que embora não estivesse alimentando uma suspeição prévia do Sr. Moacyr Dalla, desconfia, e muito, do malufismo e do seu poder de cooptação e de pressão.

Fogaca lembra que no dia 5 de dezembro o Congresso Nacional entra em recesso. E a partir daí, não será mais possível nenhum recurso ao plenário e à Mesa do Congresso Nacional, que teria competência também para dirigir o Colégio Eleitoral. A partir daquela data, dentro de poucas semanas, a Mesa do Senado praticamente contará com poderes absolutos para decidir todas as questões relativas ao funcionamento do Colégio. Por isso não é possível deixar que a eventual maioria malufista, que controla a Mesa do Senado, resolva, **moto próprio**, tornar nulos os votos que ela entenda sejam contrários à sustentação que fazem os malufistas em torno do princípio da fidelidade partidária para a escolha do próximo presidente da República. Assim, a partir do dia 5, Dalla passará a ter poderes verdadeiramente imperiais.

Por isso os partidos políticos, no entender do parlamentar, devem exigir, através de suas lideranças na Câmara e no Senado, uma manifestação oficial, pronta, do presidente do Senado, a respeito da questão da fidelidade partidária e de uma possível atitude de impugnação dos votos no Colégio Eleitoral que não estejam de acordo com a vontade malufista.

Aliás, ontem era posta em questão a própria competência da Mesa do Senado para dirigir o Colégio Eleitoral, isto além de se colocar em debate, se for o caso, uma moção de desconfiança à direção do Senado.

O caso não é novo. Em 1955, a maioria

da Câmara destituiu o presidente da Casa, deputado Carlos Luz, porque, no exercício, por 48 horas, da Presidência da República, envolvera-se num esquema de golpe destinado a impedir a posse do presidente eleito, o ex-governador mineiro Juscelino Kubitschek. Carlos Luz não perdera o mandato de deputado, mas a presidência da Câmara, que lhe assegurava constitucionalmente e por consequência a Presidência da República.

E talvez porque o malufismo tenha o condão de afastar as pessoas de seu leito natural, é que temos visto, de parte da Mesa do Senado presidida por Dalla, decisões que se chocam com o bom senso. Há pouco, entendendo que o integrante do Colégio Eleitoral não deve ser um eleitor e sim cumpridor das ordens do Partido, decidiu nesta direção quanto aos votos dos integrantes das Assembléias Estaduais. E agora é contra os jornalistas e contra as galerias. Por que essa incompatibilidade? Será que não querem que aqueles que malufaram sejam vistos? Por entendimento da Mesa do Senado, jornalista não terá acesso aos habituais locais seus de trânsito e trabalho. E o público não irá às galerias.

Que haja providências no sentido das garantias. Tudo certo. Mas daí a afastar o povo da chamada Casa do Povo, não dá para entender, nem vetar o acesso dos jornalistas. Como os evangelistas, os jornalistas são os que dão testemunho.

E justamente como jornalistas somos testemunhos de todas as eleições indiretas que aconteceram no Congresso, desde a de abril de 1964, quando foi eleito o marechal Castello Branco, e as que se seguiram: Costa e Silva, Médici, Geisel, Figueiredo. E em nenhuma foram tomadas providências contra as galerias e contra os jornalistas. Só se explicam os afastamentos de agora em face da rejeição que vota a quase totalidade da Nação a uma minoria que de qualquer maneira quer render o poder.

CLOVIS SENA